

Promotor investiga morte de prematuros

ANA MARIA CAMPOS

DA EQUIPE DO CORREIO

O Ministério Público do Distrito Federal abriu inquérito para investigar a causa da morte de quatro bebês no Hospital Regional da Asa Sul (HRAS). O promotor de Justiça Jairo Bisol recebeu em seu gabinete a denúncia da mãe de uma dessas crianças, a comerciante Cláudia Barros, 24 anos. Ela acusa a direção do hospital de esconder a causa real da morte de sua filha, Rafaela Barros Pinheiro.

No atestado de óbito, consta que a menina de três meses foi vítima de parada cardiorrespiratória, derrame pericárdico, infecção bacteriana suspeita e prematuridade. "Minha filha lutou para viver. Mas não conseguiu vencer a batalha contra uma infecção", lamenta Cláudia. No depoimento ao Ministério Público, ela sustentou que a bactéria *Serratia marcescens* tirou a vida de Rafaela e pode ser a culpada pela morte de outras três crianças.

A direção do HRAS nega. O chefe do Núcleo de Controle de Infecção Hospitalar do hospital, José David Urbáez Brito, confirma a ocorrência de um surto "controlado" daquela bactéria. Mas afirma que o bebê de Cláudia não foi infectado pela *Serratia*.

Jairo Bisol decidiu pedir ajuda ao Conselho Regional de Medicina, Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa) e ao Departamento de Auditoria do Ministério da Saúde (Denasus) para apurar o que de fato ocorreu desde a semana passada no HRAS. Ele pediu ontem que esses órgãos façam uma vistoria nas dependên-



JAIRO BISOL OUVE DEPOIMENTO DOS PAIS DE RAFAELA, QUE NASCEU PREMATURA E MORREU COM TRÊS MESES DE IDADE: INQUÉRITO PARA APURAR POSSIBILIDADE DE INFECÇÃO

cias do hospital. "Existe um hiato entre o que diz a mãe e as explicações da direção do HRAS. Por isso, é necessário acompanhar o caso", disse Bisol.

Complicações

O médico David Urbáez explica que Rafaela tinha vários problemas que complicaram o seu quadro de saúde. O bebê nasceu com seis meses de gestação e apresentava má formação intestinal. Depois de três meses de tratamento, três cirurgias abdominais, a menina, com cerca de 1,5 quilo, teria apresentado infecções que atacaram o pulmão e o coração. Na noite de sexta-feira, Rafaela morreu.

Nos últimos dias, ela estava

isolada dos demais bebês. No berço, os médicos fixaram um documento com procedimentos que deveriam ser adotados para conter a "bactéria de contato". Cláudia levou um papel ao Ministério Público como prova de que a menina teria sido contaminada pela *Serratia*.

David e o gerente de Atenção à Saúde do HRAS, Renato Maranhão Moreira, negam, no entanto, que a criança tenha sido vítima dessa infecção. "Ela era apenas colonizada, ou seja, tinha a bactéria na pele e poderia contaminar outros bebês", explica Moreira.

A direção do hospital reconheceu que uma reforma na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) neonatal provocou o surgimento da *Serratia*,

uma bactéria que pode atacar os pulmões e o coração. O problema foi a transferência dos recém-nascidos para uma área provisória.

Segundo a direção do hospital, desde o dia 18 de junho, houve nove casos de bebês acometidos pela bactéria *Serratia*. Mas nenhuma criança teria morrido por esse motivo. Dos nove bebês, um teria desenvolvido a infecção. Mas já teria recebido alta. Outros dois, apenas colonizados, como Rafaela, também já teriam deixado o hospital. Ainda permanecem lá cinco bebês com a *Serratia*. Mas segundo o HRAS, sem a infecção. O hospital relata que todas as crianças mortas na semana passada apresentavam grave estado de saúde e não estão na

lista dos bebês que tiveram contato com a bactéria.

Bisol também colheu ontem o depoimento da doméstica Maria Alves, 27 anos. Seu bebê, Vitória, nasceu prematura e também está internada no HRAS. A mãe veio de Tocantins para ter a filha e está preocupada com o estado de saúde da menina. Ela autorizou a participação da filha em um projeto de pesquisa no hospital com um surfactante artificial — uma substância necessária para a distensão dos pulmões dos bebês. "Este medicamento (Surfaxin) foi liberado pelo Ministério da Saúde, Comissão de Ética do CRM-Df e está de acordo com os critérios científicos utilizados internacionalmente", diz a direção do HRAS.